

DIVERSIDADE III TUDO BRASIL

Unicamp tem primeiro professor índio

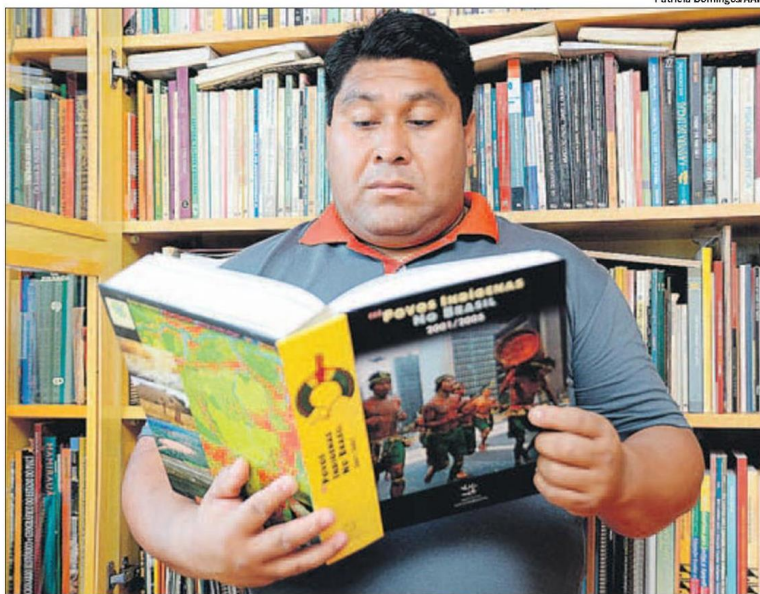
Nascido em Guarita, no Rio Grande do Sul, ele é auxiliar na disciplina Línguas Indígenas

Alenita Ramirez
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
alenita.jesus@rac.com.br

Nascido em uma aldeia na Terra Indígena do Guarita, no Noroeste do Rio Grande do Sul, o professor Selvino Kókaj Amarel, de 42 anos, é o primeiro índio a dar aulas na **Unicamp**. Ele é auxiliar do docente Wilmar D'Angelis nas disciplinas Línguas Indígenas I e Tópicos de Línguas Indígenas, do curso de graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL).

Ele também participa da finalização de um dicionário escolar

Selvino é formado em mestrado pela rede estadual, através de um projeto do Ministério da Educação direcionado à formação de professores para escola indígena. Apaixonado pela área e pela divulgação de sua cultura, o professor indígena decidiu se aperfeiçoar em educação e, apesar de não ter diploma de graduação, se inscreveu em projetos de seu Estado e participou de oficinas, palestras e cursos. "Gosto muito do que faço. Desde o ano 2000 trabalho a questão da linguística, mas com ênfase na minha língua materna. Sou um especialista visitante na **Unicamp**", diz o professor, que sonha em publicar um livro sobre sua língua, voltado para professores e pesquisadores. Selvino foi contratado por meio do Programa Professor Especialista Visitante em Graduação, da Pró-Reitoria de Gradua-



Patrícia Domingos/AAN

Selvino: "Está sendo um ganho imenso; além do conhecimento, uma experiência a mais pra minha formação"

ção e dá aulas sobre sua língua materna, o kaingang, aprendido em casa.

Quarto de seis irmãos, Selvino começou a estudar aos 9 anos. Aos 12, decidiu aprender o português e a partir daí surgiu o interesse em dar aulas para as crianças de sua aldeia e outras etnias. Outros dois irmãos também se formaram no mestrado, mas dão aula para as séries iniciantes em escolas indígenas. Ele foi o único dos irmãos que levou a carreira adiante e

sonha em fazer faculdade de Linguística. "Minha função ao lado do professor Wilmar é falar sobre a pronúncia, sobre os sons. Participo como professor falante. O professor Wilmar faz a leitura e ensina sobre a língua e eu faço a análise", explica.

O professor indígena chegou em Campinas em abril deste ano, mas sua participação acontece neste semestre. Como professor visitante, Selvino também ministra o curso extracurricular "Língua kaingang viva:

pesquisa e prática em uma língua jê", além de palestras abertas ao público e reuniões de trabalho com docentes e alunos. Outra participação importante do indígena na **Unicamp** é a finalização de um dicionário escolar do dialeto kaingang paulista, que já vem sendo elaborado pelo grupo de pesquisa liderado pelo docente Wilmar D'Angelis. "Não tenho formação acadêmica, mas está sendo um ganho imenso para mim. Além do conhecimento, uma expe-

Contratação foi defendida pelo coordenador da área

De acordo com a **Unicamp**, a contratação do professor Selvino foi defendida pela Coordenação do Bacharelado em Linguística, a partir de proposta do professor Wilmar D'Angelis, que divide a responsabilidade com o indígena pelas disciplinas da graduação. Líder do grupo de pesquisa "INDIOMAS — Conhecimento de Línguas Indígenas e Línguas de Sinais na relação Universidade & Sociedade", ele coordena as linhas de pesquisa "As línguas do ramo jê meridional e seus dialetos" e "Fonologia e ortografia de línguas indígenas". Também coordena o "Projeto web

índigena", em parceria com a ONG Kamuri, voltado à inclusão digital proativa de línguas e comunidades indígenas. O projeto, que também tem a participação de Selvino, lançou em 2008 o site kanhgag.org (o primeiro totalmente em língua indígena no Brasil). Segundo D'Angelis, há um grande interesse pela língua kaingang por causa das suas características, especialmente a fonética. O kaingang pertence à família linguística jê, que só ocorre no território brasileiro. "A língua tem uma fonologia bastante rica, com padrões silábicos tão complexos quanto o português". (AR/AAN)

riência a mais para minha formação", diz Selvino.

A comunidade kaingang é a terceira maior no Brasil com aproximadamente 38 mil índios espalhados pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Cerca de 60% vivem na mata, mas a maioria é civilizada.

O dialeto é falado hoje por apenas cinco indígenas nas aldeias de Icatu (município de Braúna) e Vanuêre (município de Arco-Íris), no Oeste Paulista.

Havia seis falantes do dialeto, até o falecimento de Dona Lídia Iaiati de Campos, em julho.

A língua kaingang é a terceira mais falada entre os indígenas também porque a etnia é a terceira com maior população no Brasil, concentrada no Rio Grande do Sul. Em segundo lugar, de acordo com dados da Fundação Nacional do Índio (Funai), está o povo Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul e em primeiro os Tikuna, residentes no Amazonas.